



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração de unidade industrial da Case New Holand
(CNH) da Fiat**

Sorocaba-SP, 02 de março de 2010

Meu caro governador do estado de São Paulo, José Serra,
Minha querida companheira ministra-chefe da Casa Civil, Dilma
Rousseff,

Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,
Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

O companheiro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da
República,

Companheiros deputados federais Arlindo Chinaglia, Jefferson Campos
e Renato Amary,

Senhor Vítor Lippi, prefeito de Sorocaba,

Vereador Mário Matos, presidente da Câmara Municipal de Sorocaba,

Meu caro Geraldo Alckmin, secretário estadual de Desenvolvimento,

Meu caro João Sampaio, secretário estadual de Agricultura,

Meu caro Sérgio Marchionne, presidente mundial do Grupo Fiat,

Meu caro Belini, presidente do Grupo Fiat para a América Latina,

Meu caro Valentino Rizzoli, presidente da Case New Holand para a
América Latina,

Meu caro Edemilson Terto da Silva, presidente do Sindicato dos
Metalúrgicos de Sorocaba,

Eu aqui vou tentar falar em nome dos sindicatos, em nome dos
trabalhadores e em nome da Presidência da República, porque falaram três
diretores da Fiat, quatro políticos, três ministros... dois ministros, um



governador, um prefeito, e o presidente. Eu vou aqui... como eu sou velho militante do sindicalismo de Sorocaba, eu me sinto no direito até de tentar representá-los aqui nesta tarde memorável. E por que memorável? Porque estamos inaugurando uma fábrica que estava fechada. Uma fábrica fechada não serve nem para a gente mostrar em fotografia, porque significa desolação, significa desemprego, significa falta de desenvolvimento na região, no município, no estado e no país. E nós estamos inaugurando esta fábrica que ficou fechada, praticamente, por cinco anos ou quatro anos e meio.

E ao inaugurá-la, eu queria que vocês, trabalhadores, investidores, fornecedores, tivessem clareza – e a imprensa, sobretudo – de que inaugurar uma fábrica como esta é a mesma sensação de que se nós estivéssemos inaugurando o nascimento de uma criança. Nascer é a primeira coisa. Mas depois que nasce é preciso cuidar, para que essa criança estude, para que essa criança sobreviva e se transforme em um ser humano altamente produtivo para o seu país.

Uma empresa como esta, se nós não dermos sequência ao que vem acontecendo no Brasil, para que essa empresa vender mais no mercado interno, exportar mais, essa empresa, da mesma forma que abriu, ela fecha as portas, como já aconteceu em tantos outros momentos da história do nosso país. Como eu sou otimista, inveterado otimista - sou tão otimista que sou corintiano, de tanto que eu sou otimista – eu estou convencido de que nós estamos vivendo um momento ímpar na história do País, ímpar.

Eu, certamente, poderia chamar a atenção dos mais jovens, possivelmente uma meninada com menos de 30 anos que trabalha nesta empresa, mas chamar um pouco a atenção dos mais velhos, dos da minha geração ou um pouco mais novos do que eu, para que toda vez que a gente analise a economia brasileira, a gente lembre o que aconteceu neste país nos últimos 30 anos, para a gente saber de onde nós partimos e onde nós pretendemos chegar.



O Brasil tem, depois de muitas décadas perdidas, a oportunidade de se transformar definitivamente, em uma grande economia. O Brasil tem, depois de muitas décadas perdidas, a oportunidade de nos próximos anos se transformar na quinta economia mundial, na sexta economia mundial e, quem sabe, com um pouco de esforço, a gente ir até um pouco mais longe.

Por isso, ao inaugurar uma fábrica como esta, da qualidade tecnológica desta fábrica, é preciso que a gente comece a discutir, concomitantemente com a inauguração, a manutenção e o fortalecimento do mercado interno, para a sobrevivência desta fábrica, e do mercado externo, para que esta fábrica possa adentrar outros continentes e colocar a marca ítalo-brasileira no mercado estrangeiro.

E aí nós temos um potencial extraordinário. Nós temos toda uma América Latina, onde o Brasil se apresenta como país de maior envergadura e, portanto, de maior potencial. Nós temos todo um continente africano, onde o Brasil pode, pela proximidade cultural, ter uma vantagem comparativa com qualquer outro país do mundo.

E para isso basta que nós vençamos algumas barreiras. A primeira barreira é interna. Nós temos que tomar todas as medidas possíveis para garantir que os nossos produtos sejam cada vez mais competitivos e cada vez mais de qualidade. Mas, ao mesmo tempo, nós temos que competir com as matrizes das empresas que estão implantadas no Brasil, que normalmente têm sua sede lá fora e, também, possivelmente, participam do mercado que nós queremos entrar. E aí é uma disputa comercial que nós temos que fazer. Eu já dei demonstrações de que, em se tratando de vender um produto brasileiro no exterior, não tem... comigo não tem meio termo. Eu sou garoto-propaganda... Eu lembro, Serra, que quando o Bush veio a São Paulo, nós fomos discutir o biocombustível. Nós fomos lá em Guarulhos visitar um posto da Petrobras que vendia etanol, e era para tirar uma foto perto de um carro da GM e de um carro da Ford, e o Bush então me disse: "Olhe, eu não posso fazer *merchandising*,



eu não posso sair perto do carro.” Eu tenho os braços curtos, mas se eu pudesse eu abraçava os dois e tirava a fotografia, porque eu queria fazer, na verdade, era a propaganda de um combustível renovável, que o Brasil tem tecnologia há muitas décadas e, portanto, o mundo que quer enfrentar a questão do clima vai ter que adotar o etanol ou o biodiesel como parte da matriz energética do mundo.

Nós, agora, estamos aqui inaugurando esta fábrica extraordinariamente bonita. Esta fábrica foi feita exatamente porque a diretoria do Grupo Fiat compreendeu que a economia do Brasil é séria, que a política no Brasil é séria; compreendeu que na crise o Brasil, que durante as últimas três crises tinha quebrado, compreendeu que o Brasil era o país que estava mais sólido para enfrentar a crise. Eu lembro o quanto eu apanhei quando eu disse que a crise, aqui, tinha chegado por último e ia acabar primeiro. Eu lembro quando eu disse que era uma marola, porque não era o que era nos Estados Unidos. E todos nós sabemos que a crise americana chegou ao nível que chegou porque o presidente Bush não teve coragem de tomar as medidas corretas no tempo certo. Com US\$ 60 bilhões, ele teria evitado a quebra do *Lehman Brothers*, mas não soube tomar decisão política. Porque tem muita gente que acha que a política é uma coisa difícil. A política é a única coisa que a gente não aprende na universidade. Você aprende a ser médico na universidade, você aprende a ser dentista, você aprende até a ser cientista político, mas [a ser] político, é difícil. Política é difícil, porque a arte da boa governança é você fazer o óbvio. Vocês vão perceber que no dia-a-dia as coisas mais corretas que nós fazemos é aquilo que parece o óbvio, mas as pessoas não fazem. Porque quando as pessoas querem fazer a coisa muito difícil, essas pessoas não deveriam ser políticas, deveriam ser cientistas e tentar inventar qualquer coisa, porque na política a gente não inventa.

Eu vou contar um caso para vocês. Em março de 2003, eu tinha dois meses na Presidência da República deste país, e o Brasil inteiro – 190 milhões



de brasileiros – tinha de crédito disponibilizado no Brasil apenas R\$ 381 bilhões, era todo o crédito disponibilizado no país, R\$ 381 bilhões. Ora, era óbvio que em um país de economia capitalista, em que você não tem capital, não tem financiamento e não tem crédito, as coisas não vão. Quando eu cheguei ao governo, tinha uma coisa chamada “fila burra” - o Serra falou de burros aqui em Sorocaba, que tinha, tinha muito... era uma parte de burros de carga que tinha aqui, que levava... trazia comida e levava não sei para onde... – mas tinha uma coisa chamada “fila burra” no Ministério da Fazenda, ou seja, entrava, Prefeito... as prefeituras apresentavam projetos – o Alckmin, como governador, se lembra disso – as prefeituras apresentavam projetos para pegar financiamento de saneamento básico, e uma prefeitura não tinha direito; a primeira não tinha direito, mas as outras todas tinham direito; e por conta da primeira, que não tinha direito porque o projeto não era correto, simplesmente aquele primeiro travava e não liberava para o segundo, para o terceiro, para o quarto, para o quinto, ou seja, ficavam mil prefeitos com projetos corretos precisando do financiamento, e o governo segurava, por conta de uma prefeitura que estava na frente, e que era mais fácil dizer: “Refaz o projeto e sai da fila.” A fila era a fonte pela qual o governo dizia “Não vamos fazer investimento”. Por que eu fiz a comparação? Porque em um país em que você precisa fazer a economia crescer, não era possível que você não tivesse nem crédito e nem financiamento.

Ora, hoje o crédito no Brasil ainda não é tudo o que nós queremos. Mas nós saímos de R\$ 381 bilhões para R\$ 1 trilhão e 410 bilhões de crédito. É um pouco mais. Somente o Banco do Brasil, hoje, tem tudo o que o Brasil tinha em 2003, somente o Banco do Brasil. A Caixa Econômica Federal saiu de 5 bilhões em 2003 para 45 bilhões no ano passado, apenas nove vezes. O crédito consignado, que era uma coisa que ninguém discutia, porque era óbvio que o povo pobre precisava ter acesso a dinheiro, hoje tem disponibilidade, na mão do povo, R\$ 110 bilhões.



Eu estou dizendo tudo coisa óbvia, que era para ter sido feita há muito tempo, e que não era feita porque o óbvio é difícil de fazer. O fácil de fazer é você inventar aquilo que você sabe que não vai fazer. Então, a arte de governar é exatamente fazer as coisas simples.

Eu cheguei, no ano passado, para a ministra Dilma Rousseff e falei: Dilma, eu quero fazer um grande plano habitacional. Eu queria que você começasse ouvindo os empresários da construção civil. Chame a Abdib, chame tudo o que tem de entidade da construção civil, que eu quero fazer um grande programa habitacional. Fez a primeira reunião com os empresários, os empresários me sugeriram fazer 200 mil casas, o que era o que eles achavam que tinham condições de fazer. Eu chamei a Abdib e falei: Duzentas mil casas não é plano. Isso é coisa que já é feita há muito tempo. Eu quero fazer mais casas. Aí, fomos discutir com a Caixa Econômica Federal, vocês não imaginam a quantidade de penduricalho que tinha para financiar uma casa! Às vezes, o seguro pago pela casa era quase equivalente à prestação da casa. E o mais grave: também fazer um milhão de casas não era previsível. A Caixa não estava acostumada, ela tinha ficado atrofiada durante muito tempo. O período em que a Caixa tinha feito mais casas no Brasil foi no período do governo Figueiredo, e parece que no último ano do governo Figueiredo. Então, era preciso fazer com que o Brasil se redescobrisse.

Não sei se vocês viram o jogo Corinthians e Santos no domingo. Eu não escondo de ninguém que eu sou corinthiano. Mas o Brasil estava, naquela época, como o time do Corinthians está hoje: pesado, e ficou assustado com a leveza daquela molecada do Santos, a leveza e a irreverência, porque eram todos meninos desaforados, todos.

Pois bem, o Brasil era mais ou menos daquele jeito. O Brasil vivia assustado. Quando... Aqui, a Dilma é economista, o Serra é economista, não sei quem mais é economista, mas o Arlindo Chinaglia se lembra da quantidade de debates que a gente fazia, neste país. Eu, quando ia para um debate com



economistas, eu saía de lá arrasado, porque o país tinha acabado, tinha quebrado. Eu saía e eu falava: Meu Deus do céu, e essas pessoas querem que eu seja candidato a presidente da República! Está quebrado o país, ele faliu! Vocês não sabem o que é. Porque tem um problema sério: é o economista que está no governo e o economista da oposição. Normalmente, quando está na oposição, o economista sabe mais. “Eita” cambada de bicho esperto! É uma quantidade de números na cabeça, é uma quantidade de certezas absolutas! Aí, quando você coloca ele no governo, ele é obrigado a adotar a política do “pão-pão, queijo-queijo”, ou seja, ele tem orçamento, ele sabe quanto de dinheiro vai entrar, ele sabe que o Ministério da Cultura quer o tanto de dinheiro que quer o Ministério do Desenvolvimento, e você precisa dar dinheiro para todos os Ministérios. Ele sabe que tem uma série de empecilhos para você trabalhar a praticidade do dia-a-dia, e não a facilidade do discurso, da teoria.

E é esse momento que vive o Brasil: é o momento da praticidade. Vocês estão lembrados quando, em 2008, eu fui para a televisão no dia 22 de dezembro fazer um discurso pedindo para o povo consumir? Vocês estão lembrados? Vocês pensam que é fácil, um cara que passou 30 anos da sua vida fazendo a apologia do não consumismo, ter que ir para a televisão dizer: “Gente, compre!”? Por que eu fui dizer para as pessoas comprarem? Porque os meios de comunicação do mundo inteiro diziam que o mundo ia acabar, que o povo não estava comprando, que ia fechar fábrica, que não tinha crédito... Eu fui para a televisão dizer: Pelo amor de Deus, comprem! Comprem, de forma responsável, mas comprem.

E todo mundo que acompanha a economia neste país sabe que foram medidas como essas, de crença nas coisas aqui deste mercado, que a gente pôde estar vivendo o momento que nós estamos vivendo hoje. Um momento que, eu diria, para a cultura econômica brasileira, quase um momento mágico.

Ô Jonas, eu vou contar dois casos para você. Eu estou vendo você aqui, estou... estou... dois casos. Eu dizia para o Serra, agora há pouco... Um dia, o



Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura, entra na minha sala, em 2003, e fala o seguinte: “Ô Presidente, o senhor sabe que o senhor vai passar para a história como o presidente que fez a lei que transformou o cachorro em um animal doméstico?” Eu fiquei assustado. Cachorro é animal doméstico desde que eu me conheço por gente! Mas sabe por que cachorro não era animal doméstico? Porque tinha – eu não vou contar os nomes das pessoas – tinha um amigo, um ex-presidente, já faz algum tempo, que era criador de cachorro no Rio de Janeiro, e ele vendia cachorros. E se o cachorro fosse considerado animal doméstico, ele tinha que passar por inspeção sanitária. E ele, para evitar a inspeção sanitária, preferiu não colocar o cachorro no rol dos animais domésticos. Pode...? Alguém pode acreditar em uma história dessas? Se nós já nascemos sabendo que o cachorro é o melhor amigo do homem?

Há quanto tempo, Jonas, que a gente não conseguia importar o embrião de um boi zebu da Índia para o Brasil? Desde 1964 que a gente não conseguia a renovação sanguínea do nosso rebanho, porque a gente não conseguia trazer os embriões da Índia. O Jonas foi comigo lá, junto com outros empresários. Depois de cinco anos, finalmente, nós conseguimos, depois de ficar quase quarenta anos sem renovação sanguínea, nós conseguimos que a Índia importasse o embrião para a gente.

Tudo isso que eu estou dizendo é para mostrar para vocês que isso é o óbvio. O que não era óbvio era não acontecer isso, era o cão não ser o amigo do homem; o que não era óbvio era a gente ficar quarenta anos sem trazer o embrião; o que não era óbvio era a gente não acreditar no mercado interno brasileiro; o que não era óbvio era a gente não entender que era necessário fazer investimento em obras públicas; o que não era óbvio era a gente não ter crédito aqui dentro. Tudo isso não era óbvio, e era o que acontecia no Brasil.

Eu penso que o povo brasileiro começou a acreditar nas coisas simples, porque as coisas difíceis... Você imagine: o cidadão está deitado, e começa a fazer goteira na cama dele. Uns preferem puxar a cama, deixar a goteira de



lado; outros preferem colocar um balde em cima da cama e deixar a goteira cair dentro; e o prático vai lá e troca a telha, e nunca mais vai precisar mexer na cama. O Brasil está aprendendo a ser prático. O Brasil quer fazer as coisas simples.

E o Grupo Fiat fez muito bem de acreditar no Brasil. Eu posso dizer para vocês: se depender deste povo que está aí, destes homens e destas mulheres – que certamente são melhor formados do que a geração minha, quando comecei a trabalhar, com vinte anos de idade. É que este povo que está aqui, e milhões de outros brasileiros que estão espalhados por este país, certamente estão acreditando no Brasil como jamais uma geração de brasileiros acreditou neste país. Um dos problemas do Brasil era que nós acreditávamos em tudo, tudo era melhor do que nós. Nós mesmos nos colocávamos como se fôssemos o “patinho feio”.

Está aqui o presidente do Inmetro, e sabe o que o Inmetro significa para nós, a nível de provar a qualidade dos produtos brasileiros. Mas ele sabe também quanto ganhavam os funcionários do Inmetro quando nós entramos lá. As pessoas faziam concurso para o Inmetro apenas para pegar um passaporte para fazer concurso para trabalhar no Senado ou para trabalhar na Câmara. Porque nós fomos emprenhados pelos ouvidos de que um trabalhador público que ganha R\$ 15 mil é “marajá”, quando a iniciativa privada pega um trabalhador nosso que ganha 15 e paga 100, e ainda acha pouco. Eu tenho muitos casos de gente da Receita, de gente da Petrobras, de gente do Planejamento, que saiu do governo para ganhar dez vezes mais na iniciativa privada, por ter competência. E ficar no setor público significa “marajás”. Esses dias eu vi: “Lula dá aumento para a elite do servidor público”. Certamente, foi o aumento que eu dei para o Inmetro, certamente foi isso.

Eu estou convencido de que um país como o Brasil só vai para a frente na hora que ele tiver um Estado forte. Não o Estado gerenciador, o Estado empresário. Isso ninguém aguenta, porque os parentes todos querem



emprego. Ninguém aguenta. O que nós queremos é o Estado forte, para ser o indutor e para ser o regulador. Porque, nessa crise econômica do mundo, eu lembro que liguei para o presidente Obama e falei: Obama, era importante olhar como é que funciona o Banco do Brasil. Vocês não têm um banco, nos Estados Unidos, como o Banco do Brasil. Seria importante que vocês acompanhassem, para ver o que o Banco do Brasil representa para o Brasil. E todos nós sabemos que foram esses bancos públicos que nos ajudaram a vencer a crise.

Não vacilei e o (incompreensível). Se tivesse mais banco para vender, eu iria comprar, para transformar o Banco do Brasil no banco mais importante deste país, para financiar o crédito.

Portanto, eu quero dizer ao Grupo Fiat que vocês fizeram a aposta certa. Fizeram a aposta certa, no país certo, no momento certo, porque vocês poderiam ter se acovardado e em 2008 ter paralisado os investimentos aqui dentro. Vocês não paralisaram, continuaram fazendo investimentos.

E hoje nós estamos aqui inaugurando o nascimento desta nova criança brasileira chamada *Case [New] Holand*, uma empresa que vai produzir aquilo que a agricultura brasileira precisa para se transformar no grande berço da produção de alimentos neste país.

Só não acreditam aqueles que não querem ver. Mas quanto mais os chineses comerem, quanto mais os africanos comerem, quanto mais os indianos comerem, quanto mais o povo pobre comer, mais vocês vão vender máquinas para colher os alimentos que nós vamos produzir neste país.

Eu lembro, e o Belini se lembra, em maio do ano retrasado, de 2008, quando surgiu a crise de alimentos - vocês estão lembrados que houve uma explosão no preço do feijão, no preço da soja - imediatamente nós criamos o programa Mais Alimentos. E esse programa Mais Alimentos resolveu financiar 60 mil tratores de 78 cavalos e mais de 300 mil implementos agrícolas, para que a gente produzisse mais alimentos e pudesse garantir ao povo brasileiro



que nós não íamos ter problema com alimentos no Brasil.

Esse programa é responsável, hoje, por mais de 70% da produção dos tratores de 78 cavalos, e já vendemos 22 mil tratores neste país, para a agricultura familiar. Porque nós queremos que os nossos agricultores familiares sejam tão produtivos quanto os nossos agricultores empresariais, e para isso eles têm que ter acesso à tecnologia, e para isso o Estado tem que financiar.

E, para isso, eu quero dar os parabéns ao Grupo Fiat por mais essa credibilidade que deu ao Brasil no ano 2010.

Boa sorte e um grande abraço.

(\$211A)